AÇÃO DIRETA

Janeiro de 2002 • Uma publicação do Centro de Mídia Independente • www.midiaindependente.org

Não podemos parar agora!

Esse número do jornal Ação Direta é dedicado ao movimento "anti-globalização" e às instituições multilaterais às quais ele se opõe. Ele busca apresentar as instituições criadas nos acordos de Bretton Woods e salientar os impactos sociais e ambientais das políticas que promovem. Em seguida, apresenta alguns textos sobre os movimentos de ação direta que combatem a globalização capitalista e traz uma cronologia com as ações globais desde 1999.

Muitos dizem que o "movimento anti-globalização" é infrutífero e que depois de dezenas de manifestações e o jovem Carlo Giuliani assassinado, pouca coisa foi conseguida. Mas isso não é verdade. Após as manifestações, FMI e Banco Mundial incluíram o desenvolvimento e o combate à pobreza em sua retórica e, devido às pressões, lançaram um programa de perdão às dívidas dos países mais pobres. Em Québec, os protestos contra a ALCA foram responsáveis por uma reversão na opinião pública. Segundo pesquisa da rádio Canadá, em abril, um pouco antes dos protestos, 60% da população de Québec apoiava a ALCA. Depois dos protestos e dos debates públicos que trouxeram, apenas 40,7% continuavam apoiando o acordo.

Agora, no novo contexto político trazido pelos atentados de 11 de setembro é hora de avançar ainda mais o movimento e não recuar. Quando os governos começam uma campanha belicista insana e ameaçam caracterizar qualquer dissidência como terrorista, quando há um ataque generalizado aos mais fundamentais direitos civis, é preciso mais do que nunca continuar lutando.

A20: Policiais fazem "corredor polonês" em frente ao prédio do Banco Central em São Paulo

Globalização corrói direitos trabalhistas e ambientais

Ao contrario do que diz o senso comum, países pobres são os mais afetados.

A globalização permite que os capitais circulem livremente, mas mantêm os direitos trabalhistas e ambientais restritos aos estados nacionais. Isso permite aos investidores chantagear os diversos países forçando-os a retirar a legislação de proteção social. Assim, por exemplo, uma empresa automobilística nos Estados Unidos pode ameaçar seus trabalhadores de ir para o Brasilonde os benefícios e os salários são menores, caso os trabalhadores não aceitem a redução nos vencimentos. Ou pode ameaçar o governo daquele país de se mudar para o Brasil se não retirar uma medida anti-poluente que encarece os custos de produção. Isso acontece mais do que se imagina. Um estudo da Universidade de Cornell sobre conflito entre patrões e empregados em 600 empresas mostrou que, em 62% dos casos, os patrões ameaçaram transferir a fábrica para países do terceiro mundo.

Isso, aparentemente, beneficiaria países pobres como o Brasil que recebem o investimento novo. No entanto, a mesma lógica se aplica aos países pobres. Assim como a empresa automobilística chantageia os trabalhadores e o governo americano ameaçando se mudar para o Brasil, ela chantageia o Brasil, ameaçando se mudar para a Argentina ou para a Coréia. O resultado é a perda em todos os países dos benefícios sociais dos trabalhadores e a redução da legislação ambiental. Dessa forma, os mais prejudicados são os trabalhadores dos países pobres que tem menores salários e menos direitos trabalhistas. Hoje, nos Estados Unidos, já se trabalha em media 44,5 horas por semana (quatro horas e meia a mais que a "semana inglesa") e os salários foram reduzidos aos níveis da década de setenta. No Brasil também, desde a abertura econômica, no governo Collor, caiu drasticamente o número de trabalhadores com carteira assinada e o rendimento real dos trabalhadores mais pobres caiu em média, 6,8 % segundo dados do IBGE.

Os filhos bastardos da globalização

Na origem, FMI e Banco Mundial deveriam "conter" liberalismo

Após a Segunda Guerra Mundial, a convicção econômica e política dominante era a de que a produção e o comércio capitalistas não poderiam flutuar livremente, sem instrumentos de regulamentação. Essa perspectiva teve sua origem numa crise econômica causada pela superprodução de bens, a grande depressão de 1929, que colocou em xeque o liberalismo e possibilitou um terreno fértil para a ascensão do nazi-fascismo.

Assim, em 1944, realizaram-se os *Acordos de Bretton Woods,* que previam a criação do FMI (Fundo Monetário Internacional) e do Banco Mundial, organismos multilaterais, isto é, dos quais participam muitos países. Esses organismos teriam a função de promover o investimento internacional, manter a estabilidade do câmbio e tratar de problemas da balança de pagamento, promovendo um comércio mundial minimamente estável e evitando crises internacionais. Eles também não poderiam intervir em políticas nacionais e não controlariam as decisões econômicas dos governos nacionais. Também durante *Bretton Woods* foi criado o GATT (Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio), uma estrutura pensada para reduzir barreiras comerciais internacionais. Essa estrutura, de início menos importante que seus irmãos - FMI e Banco Mundial - deu origem, em 1995, à Organização Mundial do Comércio, a OMC, que é hoje um dos mecanismos mais poderosos da desregulamentação econômica.

Outros pontos também foram discutidos em *Bretton Woods*, mas não foram implementados, como o controle dos preços dos produtos primários e a adoção de medidas internacionais para o pleno emprego. No fim, os *Acordos de Bretton Woods* resultaram em pontos ligados à circulação internacional de capitais e à reconstrução dos países capitalistas assolados pela guerra. A grande ironia é que, originariamente, o FMI, o Banco Mundiale o GATT foram pensados como instrumentos de regulamentação da economia, como uma alternativa à falência do liberalismo, regulando internacionalmente as trocas comerciais e a atuação das empresas capitalistas, papel que deveria ser assumido pelo Estado no âmbito nacional. A partir da década de 60, grande parte da produção e do comércio capitalista passaram a ganhar uma dimensão mais marcadamente transnacional e, esses organismos, além de ganharem maior importância, reorientaram suas políticas num sentido cada vez mais desregulamentador e liberal.

O que em tese seriam organismos multilaterais, acabaram permanecendo sob o mando dos Estados Unidos, que detinham a supremacia econômica entre os países capitalistas. Segundo o historiador Eric Hobsbawn, em 1950, os EUA tinham 60% de todo o estoque de capital de todos os países capitalistas avançados e produziam cerca de 60% de toda a produção desses países. Além disso, os EUA funcionaram como o maior defensor do capitalismo durante a Guerra Fria e financiaram a reconstrução de países capitalistas no pós-guerra, sob a condição de que se tornassem seus aliados e consumidores. O FMI, o Banco Mundial e o GATT (OMC) não fugiam à regra e gravitavam, como atualmente, em torno dos EUA e dos seus interesses.

Acordos da OMC acentuam desigualdade e favorecem empresas

GATS, TRIPS e Investimentos foram discutidos na última reunião em Doha

A OMC é um organismo "multilateral" criado em 1995 para regulamentar as trocas internacionais e promover o "livre" comércio. Ela foi criada inicialmente para implementar e fiscalizar mais de vinte acordos multilaterais sobre comércio já existentes, entre eles, o mais importante, o GATT, o Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio, estabelecido em 1948 em Bretton Woods. Na verdade, foi na sexta rodada de negociações do GATT, no Uruguai, que decidiu-se criar a OMC. Mas a OMC é mais que um conjunto de acordos comerciais. Ela é um organismo que pode elaborar normas, julgar se os países as cumprem e determinar sanções caso não o façam. É um verdadeiro poder internacional com funções executivas, legislativas e judiciárias. Ela possui um poder supranacional capaz de punir qualquer iniciativa de proteção social, trabalhista ou ambiental que ela considere que viole as regras do comércio "livre".

Os acordos da OMC

A OMC promove a liberalização comercial por meio de uma série de acordos assinados pelos países membros. Na sua quarta conferência ministerial que aconteceu em novembro, em Doha, no Qatar, a OMC discutiu a implementação de uma série de acordos que vão contra os interesses das populações dos países e favorecem os grandes investidores e as grandes empresas. Da última vez que a OMC tentou aprovar esses acordos em 1999, em Seattle, a conferência foi cancelada depois que os países pobres que participavam do encontro protestaram contra os acordos e, nas ruas, uma coalizão de sindicatos, organizações ecológicas e grupos de ação direta bloqueou o acesso à reunião e tomou as ruas de Seattle com manifestações com mais de 50 mil pessoas.

Serviços

Uma dos mais perigosos acordos promovidos pela OMC é o GATS, o Acordo Geral sobre o Comércio de Serviços. Para a ótica liberal da OMC, o direito universal à saúde, educação e a outros serviços sociais com financiamento público é um "entrave ao livre comércio". Segundo a OMC é preciso acabar com o "monopólio estatal no setor de serviços". Isso significa que, no futuro, esse acordo comercial pode forçar os governos a abrir o "mercado" para a competição de empresas capitalistas - o primeiro passo para retirar o estado de "mercados" como os de assistência médica, hospitais, creches, escolas, universidades, museus, bibliotecas, energia, água, correios e transportes. Todos esses diretos virariam definitivamente mercadorias.

Gastos do governo

A OMC também tem um acordo dedicado exclusivamente a regulamentar os gastos de governo, o AGP (não confunda com a simpática rede de baderneiros anti-capitalistas), o Acordo da OMC sobre Procuração Governamental. Esse acordo visa combater medidas dos governos nacionais para favorecer empresas nacionais ou para obrigar contratantes a investir no país. Tudo isso pode ser simplesmente proibido, impedindo que governos fomentem o desenvolvimento nacional. Em muitos países, os gastos de governo chegam a até um terço do PIB.

Investimentos

A reunião de Qatar, em novembro de 2001, iniciou as negociações para se constituir um acordo sobre investimentos, no molde do que acontece no NAFTA, o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (acordo comercial entre México, Estados Unidos e Canadá). O capítulo 11 do Nafta diz que empresas poderão processar governos caso uma legislação interfira na sua previsão de ganhos futuros. Foi o que aconteceu com a empresa americana Ethyl, produtora do MMT, um aditivo de gasolina considerado tóxico pelo parlamento canadense. A empresa processou o governo canadense por ter proibido o MMT e venceu. O governo teve que retirar a lei que proibia a substância, um ministro de estado foi obrigado a falar para a imprensa que o aditivo não era tóxico (embora pesquisas científicas indicassem que sua inalação induzia a psicose, causava perdas de memória e reduzia a expectativa de vida) e o Canadá ainda teve que pagar uma indenização de 13 milhões de dólares por danos à imagem da empresa. Esse mecanismo que já funciona no Nafta corre o risco de ser exportado para todo o mundo pela OMC.

Propriedade Intelectual

A OMC também vai tentar reforçar seu acordo sobre propriedade intelectual, o TRIPS, Acordo sobre Aspectos Comercias dos Direitos de Propriedade Intelectual. Esse acordo legisla sobre patentes, direitos autorais e marcas. Ele já permite coisas terríveis como as empresas patentearem formas de vida, ou seja, plantas, animais e sementes. Essa é a base para o desenvolvimento de alimentos e seres transgênicos cuja segurança ainda é contestada por muitos cientistas. O acordo também permite que grandes empresas patenteiem conhecimentos de pequenas comunidades, como remédios tradicionais e a herança genética da região. No futuro, o acordo pode também proibir práticas como a quebra de patentes em situação de risco, como epidemias, permitindo que empresas farmacêuticas faturem ainda mais com as doenças.

ALCA e OMC devem consolidar poder das empresas sobre os governos

A experiência do NAFTA pode ser reproduzida de forma ampliada na ALCA e na OMC

Um dos mecanismos mais temidos a serem incorporados na ALCA é a capacidade das empresas processarem os governos, como já ocorre no NAFTA, o Acordo de Livre Comércio da América do Norte, que reúne Canadá, Estados Unidos e México. Esse mesmo mecanismo pode também ser incorporado na OMC para todo o mundo, segundo negociações ocorridas em Doha, em novembro do ano passado.

Segundo o capítulo 11 do NAFTA, sobre a solução de disputas, as empresas têm o direito de processar os governos pela "expropriação de propriedade" (o que pode ser entendido como perda de lucros presentes ou futuros). Isso significa que se uma empresa acreditar que uma nova lei ambiental, trabalhista ou sanitária lhe causou ou pode lhe causar perdas, ela pode processar o governo responsável e receber uma indenização e o direito de operar, mesmo contrariando a lei. Dessa forma, na prática, as empresas se põem acima da lei e do poder de intervenção dos governos; põem-se também acima dos interesses trabalhistas, ambientais e de segurança, considerando-os meros entraves ao "livre" comércio.

Foi o que aconteceu, na prática, no Canadá, em 1998, quando o governo canadense proibiu um aditivo para a gasolina chamado MMT. Esse aditivo já era proibido em quase todo mundo e depois de uma intensa discussão em 1997, o parlamento canadense decidiu proibi-lo, com base em evidências científicas de que sua absorção pelos pulmões poderia induzir a psicose, causar perda de memória e reduzir a expectativa de vida.

Após a aprovação dessa lei, a Ethyl, empresa americana que produzia o MMT para o mercado canadense, processou o governo, alegando que a proibição comprometia seus lucros futuros e que a discussão sobre a toxidade do MMT prejudicava a reputação da empresa. Ela entrou então com um processo exigindo 251 milhões de dólares do governo canadense como compensação.

O julgamento do caso aconteceu num tribunal estabelecido pelo próprio acordo (NAFTA), a portas fechadas. Nem a imprensa, nem a sociedade civil pôde acompanhar o processo. Depois de encerrado, os autos não seriam publicados e a decisão seria inapelável. Após meses de julgamento, o governo canadense, percebendo a derrota iminente, fechou um acordo com a Ethyl, pelo qual retirou a proibição da neurotoxina, anunciou publicamente (através de dois ministros) que o MMT era"uma substância inofensiva" e pagou a Ethyl o valor de 13 milhões de dólares.

Com o NAFTA, pela primeira vez, um acordo de livre comércio permitia processos de investidores contra estados. Criava-se assim um mecanismo formal pelo qual a "soberania nacional" era subjugada pelos interesses das empresas – passava-se do controle pouco democrático dos governos nacionais para o controle totalmente autocrático das empresas.

Dois anos depois, o modelo de "processos de investidores contra estados" estabelecido no NAFTA em 1994 foi tomado como modelo para o AMI (Acordo Multilateral de Investimentos) que queria implantá-lo em nível mundial através da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Essa tentativa, no entanto, encontrou forte resistência popular na Europa, sobretudo na França – o que levou o governo francês a se retirar das negociações, acabando com o acordo em março de 1998.

A ameaça, no entanto, continua de pé. O modelo de "processos de investidores contra estados" está sendo incorporado pela OMC (Organização Mundial do Comércio) e, segundo representantes do governo americano informaram à ONG Public Citizen, deve também ser incorporado na ALCA, no capítulo sobre investimentos. Pode-se esperar portanto, muitas derrotas nas frentes ambiental, trabalhista e sanitária.

CRONOLOGIA

1993/1994 (VIRADA DO ANO)
CHIAPAS, MÉXICO

No fim do ano de 1993, dois mil indígenas de várias etnias saíram das florestas e montanhas de Chiapas, no México. Mascarados, armados e se denominando Zapatistas, diziam "Ya Basta!" às condições em que viviam. Uma extraordinária revolução popular que mudaria para sempre o formato da resistência global. O levante aconteceu no dia em que entrava em vigor o NAFTA, o Acordo de Livre Comércio da América do Norte.
http://www.ezln.org

J18 (18 DE JUNHO DE 1999)
TODO O MUNDO

Considerado o primeiro dia de ação global. Uma campanha internacional chamada pela Ação Global dos Povos articulou protestos em 27 países contra a reunião do G8 em Colônia, na Alemanha. Dezenas de milhares de pessoas participaram no mundo inteiro. Em Londres, protestos bloquearam o centro financeiro da cidade causando prejuízos de centenas de milhares de libras.
http://www.agp.org
http://bak.spc.org/j18/site/
http://www.infoshop.org/june18.html

N30 (30 DE NOVEMBRO DE 1999)
SEATTLE, ESTADOS UNIDOS

Mais de 50 mil pessoas saíram às ruas para protestar contra a realização do encontro da OMC, a ousada "Rodada do Milênio" que buscava avançar a desregulamentação econômica para o século XXI. Passeatas e bloqueios impediram a chegada dos delegados ao local da reunião causando o colapso do encontro.
http://www.seattle.indymedia.org

A16 (16 DE ABRIL DE 2000)
WASHINGTON, ESTADOS UNIDOS

O Banco Mundial e o FMI fazem sua reunião anual na capital americana. A grande coalizão de grupos ambientais, trabalhistas, radicais e de direitos humanos que havia promovido os protestos em Seattle resolve se rearticular para mais um protesto. Mais de vinte mil pessoas comparecem aos protestos.
http://www.a16.org
http://www.dc.indymedia.org

M1 (1 DE MAIO DE 2000)
TODO O MUNDO

O primeiro de maio de 2000 vê novamente fortes protestos em todo o mundo contra a erosão dos direitos trabalhistas e contra o capitalismo. Em Londres, dez mil manifestantes organizam uma guerrilha de jardim, transformando uma praça no centro da cidade num grande jardim orgânico.
http://www.mayday2k.org/

O FMI impõe diretrizes e sacrifica países do terceiro mundo

Os Programas de Ajuste Estrutural são dirigidos aos países que necessitam financiamentos

O Fundo Monetário Internacional (FMI) - juntamente com o Banco Mundial -, em nome da resolução dos problemas dos países do terceiro mundo, tem ditado as regras sobre o seu futuro. Há cerca de duas décadas ele vem sufocando as economias desses países ao impor-lhes os chamados Programas de Ajuste Estrutural (PAEs) em troca de empréstimos a juros altíssimos.

Para receber ajuda financeira, os países devem submeter-se à política desses programas que, entre outros, inclui a privatização de empresas e serviços estatais, o corte nos gastos do governo, a orientação das exportações, o aumento das restrições comerciais e a eliminação dos subsídios de ordem básica como alimentação, combustível e medicamentos, com a imposição do aumentos das taxas.

A proibição de subsídios e controles de preços sobre serviços básicos torna estes setores vulneráveis à ação de empresas estrangeiras e prejudica produtores locais. A abertura da economia às multinacionais, leva os países a manter seus padrões trabalhistas e ambientais no mínimo nível possível para poder competir no mercado. A busca pelo maior lucro exercida pelas empresas resultano descaso com as leis ambientais e na exploração do trabalho.

Isso significa possíveis mudanças na estabilidade e restrições legais à jornada de trabalho, o que permite aos patrões demitir pessoas com mais facilidade, esmagar sindicatos e ignorar reivindicações relacionadas à segurança no emprego. Os salários reais em quase todos os países da África caíram entre 50 e 60% desde a imposição dos programas do FMI.

Já sob o pretexto de reduzir gastos excessivos do governo, a instituição impõe o corte dos investimentos públicos em programas sociais como transporte, saúde e educação. O Banco Mundial e o FMI fazem com que os fundos dos governos sejam tirados da economia, infraestrutura e desenvolvimento comunitário e social para pagar dívidas acumuladas de velhos empréstimos. Entre 1980 e 1992 os países mais pobres pagaram três vezes mais do que o montante da dívida original. Na Tanzânia, onde 40% das pessoas morrem antes da idade e 35 anos, o pagamento da dívida consome seis vezes mais do que os gastos na área da saúde.

Como se não bastasse, o voto no FMI é representado por países de acordo com suas economias. Ou seja, os EUA, com apenas 5% da população mundial, possuem 17% dos votos; já os outros países pertencentes ao chamado G-7 possuem 45% dos votos. Esse esquema antidemocrático permite aos países desenvolvidos defender seus próprios interesses apenas controlando essa instituição.

Banco Mundial financia projetos de orientação liberal

Políticas incluem ensino privado e compra de terras substituindo a reforma agrária

Diferentemente do FMI, que é um fundo de auxílio financeiro para países, o Banco Mundial financia projetos, seja de governos (locais ou nacionais), seja de organizações não governamentais. Ele foi criado originalmente para ajudar a financiar a reconstrução dos países capitalistas no pós-guerra e o desenvolvimento dos países pobres em geral.

A forma de controle que o Banco Mundial exerce sobre a política dos países é diferente da forma pela qual o FMI impõe diretrizes (os "Programas de Ajuste Estrutural"). O Banco Mundial pratica o controle sobre os países através da determinação do tipo de projetos que serão financiados. Numa conjuntura neoliberal, onde os gastos sociais são "despesas" que atrapalham o equilíbrio orçamentário, qualquer dinheiro extra determina completamente a orientação das políticas sociais. Como os países não têm dinheiro para determinar suas políticas, o dinheiro que aparece oferecido pelo Banco Mundial dá a tônica dos gastos sociais em muitos países pobres. Dessa forma, o Banco pode determinar que tipo de ensino vai ser financiado nos países pobres, assim como o tipo de saúde ou de reforma agrária.

Essas políticas que predominaram nos últimos 20 anos já mostraram os seus resultados: na América Latina, nas décadas de 80 e 90, o número de pessoas vivendo na pobreza cresceu de 130 milhões em 1980 para 180 milhões no começo da década de 90. Os 20 % mais ricos nesses países ganham 20 vezes mais que os 20 % mais pobres. Na África o número de pessoas abaixo da linha de pobreza na década de 90 era de 200 milhões numa população de 690 milhões de pessoas e até a perspectiva mais otimista do Banco Mundial para a região previa um aumento desse número para 300 milhões de miseráveis por volta do ano 2000.

As políticas do Banco Mundial ajudam a acentuar esse caráter. No campo da educação, o Banco apenas financia projetos educacionais privados ou com uma pedagogia orientada para o mercado. Com isso, determina arbitrariamente a forma e orientação pedagógica do ensino e exclui toda possibilidade de controle público. O mesmo acontece com os projetos do Banco para a reforma agrária. Em oposição à reforma agrária que vinha sendo conquistada pelo MST, o Banco criou um projeto alternativo: o "Banco do Povo". Ao invés de desapropriações de terras ociosas que não cumpriam sua função social, o projeto do Banco oferece uma linha de crédito para que agricultores sem-terra literalmente comprem as terras ociosas a preço de mercado.

Os resultados dos projetos do Banco no que diz respeito ao desenvolvimento ambiental também não são nada favoráveis. Em Gana, com o suporte do Banco Mundial, o governo tem intensificado a exploração comercial das florestas nacionais. A produção de madeira dobrou entre 1984 e 1987, ajudando a destruir o que resta dos 25% que sobraram da área florestal original. Nas Filipinas, devido às políticas de empobrecimento do Banco Mundial, a população rural foi obrigada a explorar descontroladamente áreas florestais, mananciais e locais de pesca.

O Banco Mundial e FMI também são responsáveis por políticas que aumentam a desigualdade social e a recessão nos países pobres, para garantir que estes paguem os juros da dívida externa, que cresceu de 785 bilhões de dólares no seu início para 1,5 trilhão de dólares em 1993. A redução de gastos públicos nesses países, o aumento dos juros e a estabilização da moeda nacional a qualquer custo aumentam dramaticamente a pobreza e desigualdade social.

Como se vê, as políticas do Banco Mundial para os países pobres, ao contrário de justificar o seu slogan ("nosso sonho é um mundo livre da pobreza") só fazem negá-lo repetidas vezes. E a discrepância entre o slogan e a realidade não é mero erro de cálculo. As políticas do Banco Mundial são implementadas de cima para baixo, sem o reconhecimento do que as comunidades desses países querem ou necessitam, sem transparência, tanto de objetivos quanto de resultados. Toda a política do Banco Mundial (assim como a do FMI) é determinada por quem mais deposita. O Banco Mundial chama-se assim, porque funciona exatamente como um banco, com a diferença que os maiores "correntistas" tem o controle de gestão. Quem indica os diretores e determina as políticas são os países que mais "investem" no Banco — são, portanto, os países ricos. E é por isso que os projetos que eles financiam são os projetos que mais lhes beneficiam.

S11 (11 DE SETEMBRO DE 2000)
MELBOURNE, AUSTRÁLIA
O Fórum Econômico Mundial faz seu encontro regional para a região do Pacífico. Uma ampla coalizão se organiza em grupos de afinidade para bloquear o acesso dos delegados ao local do encontro. Mais de 10 mil pessoas participam das ações.
http://www.s11.org/s14/index.html
http://www.melbourne.indymedia.org/

S26 (26 DE SETEMBRO DE 2000)
PRAGA, REPÚBLICA TCHECA
Mais de 20 mil pessoas saem às ruas de Praga para impedir a reunião anual do FMI e do Banco Mundial. Em função dos protestos, o último dia da reunião é cancelado. Mais de 50 cidades do mundo fazem ações de solidariedade. No Brasil, São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza e Belo Horizonte têm protestos.
http://www.s26.org
http://praha.indymedia.org/

D6-D8 (6 A 8 DE DEZEMBRO DE 2000)
NICE, FRANÇA
Líderes da União Européia tentam reunir-se na cidade de Nice, França. Encontram a resistência de mais de 15 mil manifestantes.
http://attac.org/nice2000/
http://france.indymedia.org

J25-J30 (25 A 30 DE JANEIRO DE 2001)
DAVOS, SUÍÇA/ PORTO ALEGRE, BRASIL
Enquanto em Davos reúne-se o Fórum Econômico Mundial, grupo seleto de empresários, governos e veículos de mídia, em Porto Alegre, reúnem-se sindicatos, ONGs e partidos de esquerda no Fórum Social Mundial. Em Davos, milhares de pessoas enfrentam o frio e a neve para protestar contra o Fórum Econômico.
http://www.under.ch/davos/default.htm
http://www.forumsocialmundial.org.br
http://www.midiaindependente.org

FEVEREIRO/ MARÇO DE 2001
CHIAPAS/ CIDADE DO MÉXICO, MÉXICO
Marcha Zapatista das florestas de Chiapas até a capital do México pelos direitos dos povos indígenas.
http://www.ezlnaldf.org/
http://www.chiapas.indymedia.org

A evolução do Reclaim the Streets

FOTO: A.R.

Carnaval de rua durante o N9 em São Paulo

O grupo de ação direta Reclaim the Streets (RTS) ganhou bastante reconhecimento nos últimos anos. De bloqueios de estradas a festas de rua, de greves de empresas de petróleo à organização dos trabalhadores; cada vez mais suas ações e idéias estão atraindo pessoas e a atenção internacional. No entanto, o surgimento aparentemente repentino deste grupo, sua penetração na cultura alternativa popular e sua filosofia foram poucas vezes discutidas.

O RTS foi formado originalmente em Londres, no outono de 1991, mais ou menos no mesmo período em que surgiu o movimento contra as estradas. Com a batalha pelo Twyford Down zunindo no fundo, um pequeno grupo de indivíduos se juntou para retomar as ações diretas contra os carros. Nas suas próprias palavras eles estavam fazendo uma campanha:

POR caminhadas, pedaladas e por transporte público barato ou de graça e CONTRA carros, estradas e o sistema que os criaram. (1)

O seu trabalho foi em pequena escala, mas efetivo e, mesmo nesta época, tinha elementos audaciosos, táticas surpreendentes que moldaram as ações mais recentes do RTS. Houve o episódio do carro destruído no acostamento, simbolizando a chegada do carro-armagedon, linhas de divisão de pista "faca você mesmo" durante a noite pelas ruas de Londres, interrupção da exposição Earls Court Motor Show em 1993 e ações de intervenção em propagandas de carro pela cidade. Entretanto, a preparação da campanha contra a rodovia M11 deu ao grupo um foco mais local e o RTS foi absorvido temporariamente na campanha contra a M11 no leste de Londres.

O período da campanha contra a M11 foi significante por diversas razões. Enquanto Twyford Down era uma campanha predominantemente ecológica – ao defender uma área "natural" – a localização urbana da resistência à construção da M11 permitiu englobar tanto questões sociais quanto políticas. Além dos argumentos anti-rodovias e ecológicos, havia uma significativa comunidade urbana que enfrentou a destruição do seu ambiente social com a perda de lares, degradação da qualidade de vida e fragmentação da comunidade.

Além destas considerações políticas e sociais, a campanha contra a M11 permitiu o aumento da prática da ação direta entre os envolvidos. Árvores-telefones foram construídas, um número grande de pessoas esteve envolvida em ocupações de áreas, multidões de ativistas tiveram que utilizar manobras para passar a perna na polícia. Os manifestantes também ganharam experiência e aprenderam a lidar com certas funções como publicidade, mídia e doações.

Depois, no final de 1994, uma granada política foi lançada na arena da campanha contra a M11: a Justiça Criminal e a Ação de Ordem Pública. Da noite para o dia, protestos se tornaram um ato criminoso. Mas o que governo não esperava era que essa legislação iria unir e motivar os diversos grupos que ela tinha tentado reprimir. A luta dos ativistas anti-rodovias se tornou um sinônimo de viajantes, ocupas e sabotadores de calçadas. Em particular, a repentina cena rave politizada se tornou um foco social comum para muitas pessoas.

A campanha contra a M11 terminou na batalha simbólica e dramática de Claremont Road. Finalmente, com as batidas repetitivas de Prodigy ao fundo, a polícia e os seguranças dominaram as barricadas, as barreiras humanas e os andaimes, mas a guerra estava apenas começando. A época da campanha contra a M11 criou uma nova aliança política e social e, no meio da campanha, fortes amizades entre ativistas foram formadas. Quando a Rodovia Claremont foi perdida, o coletivo procurou novas formas de expressão e o Reclaim the Streets foi formado em fevereiro de 1995.

Os anos que se passaram viram o crescimento do RTS. As festas de ruas I e II foram feitas com grande sucesso no verão de 1995 e ocorreram várias ações contra a Shell, a embaixada da Nigéria e a exposição Motor Show de 1995. Depois, em julho de 1996, houve o sucesso massivo da festa de rua da M41, onde durante nove horas 8 mil pessoas tomaram conta da rodovia M41, no oeste de Londres, festejaram e se divertiram. Alguns arrancaram pedaços da pista com pás e nos seus lugares plantaram árvores que foram resgatadas da construção da M11.

Em um nível base, RTS continuou a se concentrar nos carros, mas isto tem se tornado algo simbólico, não especifico. O RTS procura inicialmente criar debates sobre as lutas contra as estradas, levantar a questão do custo social e ecológico do sistema de carros:

Os carros que ocupam as ruas estreitaram os pavimentos... (Se) os pedestres... quiserem olhar uns aos outros, eles vão ver carros no fundo, se eles querem olhar para o prédio do outro lado da rua eles vão ver carros pela rua: não existe um único ângulo de visão onde os carros não sejam vistos, de trás, pela frente, dos dois lados. O seu barulho onipresente corrói todos os momentos de contemplação como se fosse ácido. (2)

Os carros dominam as nossas cidades, poluem, congestionam e dividem as comunidades. Eles isolaram as pessoas umas das outras e tornaram nossas ruas meros meios para veículos motorizados passarem sem qualquer respeito pelas pessoas que estão perturbando. Os carros criaram vazios sociais: ao permitir às pessoas se moverem cada vez mais distantes de suas casas, ao dispersar e fragmentar atividades cotidianas e ao aumentar o anonimato social. O RTS acredita que se nos livrarmos do carro poderemos recriar um ambiente mais seguro e mais atrativo para se viver, poderemos devolver as ruas para as pessoas que vivem nelas e, talvez, redescobrir um senso de "solidariedade social".

Mas os carros são apenas um pedaço do quebra-cabeça e o RTS está também levantando as amplas questões por trás da questão dos transportes – sobre as forças políticas e econômicas que guiam a " cultura do automóvel". Os governos dizem que "as rodovias são boas para a economia": mais bens sendo transportados a longas distâncias, mais petróleo sendo queimado, mais consumidores em supermercados fora das cidades – está tudo relacionado com o aumento do "consumo", porque existe um indicador de "crescimento da economia"; está ligado à cobiça, à exploração em curto prazo de recursos cada vez menores sem preocupação com os custos a longo prazo. Por isso o ataque do RTS aos carros não pode se desligar de um amplo ataque ao próprio capitalismo.

Nossas ruas estão cheias de capitalismo como estão de carros e a poluição do capitalismo é muito mais insidiosa. (3)

O mais importante para o RTS é encorajar mais pessoas a tomarem parte em ações diretas. Todos sabem da destruição que os carros e as rodovias causam. Mesmo assim os políticos ainda não percebem. Não surpreendente – eles apenas se importam com o poder e a manutenção da "autoridade" deles sobre a maioria das pessoas. A ação direta serve para destruir o poder e a autoridade e para as pessoas criarem responsabilidade por elas mesmas. A ação direta não é apenas uma tática, é um fim nela mesma. É permitir às pessoas unirem-se como indivíduos com algum desejo em comum, é mudar as coisas diretamente através das suas próprias ações.

As festas de rua I, II e III foram uma expressão engenhosa das idéias do RTS. Elas incorporaram as mensagens numa fórmula inspirada: ações diretas criativas, fortalecimento do poder das pessoas, diversão, humor e festa. Eles envolveram festivais abertos para todos que se sentem irritados com a sociedade convencional.

Em certa medida é possível traçar as táticas por detrás das festas de rua na história do RTS. A mobilização, o envolvimento e movimento de grandes multidões desenham o formato das manifestações de estradas. O uso de um sistema de som, traça a cultura popular dominante, de onde veio a inspiração inicial para festas de ruas e certamente mostra que as suas raízes estão aprofundadas na história. Os grande momentos revolucionários sempre foram grandes festivais populares – a queda da Bastilha, a Comuna de Paris e a rebelião de 1968, só para lembrar algumas. O carnaval comemora uma libertação temporária da ordem estabelecida, marca a suspensão de toda hierarquia, posições, privilégios, normas e proibições. Multidões de pessoas vão para as ruas tomadas pela descoberta do seu poder e sua unificação através da celebração de suas próprias idéias e criações. Segue que tanto o carnaval quanto as revoluções não são espetáculos vistos por outras pessoas, mas, pelo contrário, envolvem a participação ativa da própria multidão. A idéia envolve todas as pessoas. As festas de rua do RTS têm mobilizado com sucesso essa emoção.

O poder que essas atividades mobilizam desafia a autoridade do estado e chama assim a atenção da polícia e dos serviços secretos sobre o RTS. A organização de qualquer forma de ação direta por grupos é investigada minuciosamente. O RTS está bastante atento a isso. Os veículos que carregavam equipamentos já foram revistados, seguidos e confiscados no seu caminho para as festas de rua. O escritório do RTS já teve batidas, os telefones já foram grampeados e ativistas do RTS já foram seguidos, ameaçados e acusados de formação de quadrilha. No meio disto tudo, uma ação secreta do RTS em dezembro de 1996 (uma tentativa de confiscar um tanque BP na rodovia M25) foi frustrada com a presença inesperada de duzentos policiais no local da reunião dos ativistas. É incerto como tal informação foi obtida pela polícia e esse tipo de coisa pode levar facilmente à paranóia dentro do grupo, medo de infiltração, ansiedade e suspeita que podem ser muito enfraquecedoras.

Mas o RTS não desanimou. Eles promovem reuniões abertas todas as semanas, continuam a se expandir e a envolver novas pessoas e são freqüentemente contatados por outros grupos de ação direta. Alianças foram feitas com outros grupos – os grevistas do cais de Liverpool, por exemplo – como um reconhecimento de territórios em comum entre as lutas. Em todo o Reino Unido e Europa, novos grupos locais do RTS foram formados e no verão jáé normal ver festas de rua pelo mundo afora. Esses novos grupos não foram criados pelo RTS de Londres, eles são completamente autônomos. O RTS de Londres meramente atuou como um catalisador, estimulando indivíduos a reproduzirem as idéias se elas forem apropriadas para outras pessoas utilizarem-nas também.

De várias maneiras a evolução do RTS tem tido um progresso lógico que reflete as suas raízes e experiências. Da mesma forma, as formas de expressão que o RTS tem adotado são apenas interpretações modernas de formas antigas de protestos: a ação direta não é uma coisa nova. Como seus companheiros através da história, o RTS é um grupo lutando por uma sociedade melhor numa época onde a maioria das pessoas se sente alienada e preocupada com o sistema atual. O seu sucesso vem da ingenuidade em encorajar as pessoas, na persistência em articular as diferentes questões e na capacidade de inspirar.

M15-M17 (15 A 17 DE MARÇO DE 2001)
NÁPOLES, ITÁLIA
Manifestação contra a reunião da OCDE (organização reunindo os países mais desenvolvidos). Mais de 10 mil pessoas saem às ruas.
http://www.noglobal.org
http://www.italy.indymedia.org

A5-A7 (5 A 7 DE ABRIL DE 2001)
BUENOS AIRES, ARGENTINA
Numa reunião preparatória à Cúpula das Américas, os ministros de economia do continente americano se reúnem em Buenos Aires para discutir a ALCA (Área de Livre Comércio das Américas). Milhares de pessoas saem em passeata no centro de Buenos Aires.
http://www.bloqueoalca.org/
www.argentina.indymedia.org

A20 (20 DE ABRIL DE 2001)
QUÉBEC, CANADÁ
Em todo o continente americano espalham-se protestos contra a ALCA, a Área de Livre Comércio das Américas. Vinte mil pessoas ocupam as ruas de Québec onde reúnem-se os presidentes dos países do continente. Em São Paulo, 2 mil jovens ocupam a Avenida Paulista e são violentamente reprimidos. Mais de 100 manifestantes ficam feridos, 69 são presos, mais de 20 são torturados e um manifestante é baleado.
http://www.a20.org/
http://www.quebec2001.net
http://www.quebec.indymedia.org

M1 (1 DE MAIO DE 2001)
TODO O MUNDO
Protestos em massa no mundo inteiro. Em Londres, mais de 20 mil pessoas ocupam as ruas para jogar "Banco Imobiliário" em escala real. Grupos de afinidade se espalham pela cidade protestando contra as grandes empresas e escritórios governamentais.
http://www.mayday2001.org
http://www.indymedia.org.uk

J9-J10 (9 E 10 DE JUNHO 2001)
BARCELONA, ESPANHA
O Banco Mundial desiste de seu encontro, mas, mesmo assim, os manifestantes vão às ruas de Barcelona protestar contra o Banco e suas políticas. Mais de 15 mil pessoas saem às ruas no último dia de protestos. A polícia infiltra agentes provocadores, mas é flagrada pela imprensa.
http://www.alasbarricadas.net/bcn2001
http://www.barcelona.indymedia.org

Porque precisamos continuar ocupando as ruas

FOTO: HENRIQUE PARRA

Jovens participam do protesto contra a ALCA em Québec

Starhawk (agosto de 2001)

Desde Gênova, tem havido um debate saudável sobre para onde o movimento deve caminhar. Os grandes protestos estão se tornando mais perigosos e difíceis. Os encontros estão sendo deslocados para lugares inacessíveis. O FMI, o Banco Mundial, o G8 e a OMC continuam a levar a cabo seus negócios. Estaremos sendo suficientemente eficazes a ponto de justificar os riscos que corremos? Não deveríamos talvez, nos concentrar antes no trabalho em nível local? Construindo o dia a dia de formação de redes e de organização? Eu estive em Gênova e por causa dessa experiência, incluindo os reais momentos de terror, estou mais do que nunca convencida de que temos de continuar com ações de rua. Precisamos continuar a organizar grandes ações, contestando os encontros e trabalhando em escala global.

As nossas grandes ações têm sido extraordinariamente eficazes. Ouvi opiniões desesperadas de que os protestos não estavam afetando os debates no G8, na OMC ou no FMI e Banco Mundial. Na realidade, afetaram mesmo. Eles mudaram significativamente os programas e a propaganda propalada por eles. De qualquer maneira, as políticas reais das instituições serão as últimas coisas que iremos mudar. Mas, para a maioria de nós que tem estado nas manifestações, mudar o debate no seio destas instituições não tem sido o objetivo. O nosso objetivo é incrementar os custos sociais de sua existência em níveis tais que tornem essas instituições insuportáveis. A contestação dos encontros deslegitimou essas instituições de uma forma que nenhuma iniciativa local jamais conseguirá. Os grandes encontros são rituais elaborados, exibições ostentatórias de poder, que reforçam a autoridade dos corpos que representam. E quando estes são forçados a se reunir por detrás de muralhas, a lutar numa batalha anunciada a cada conferência, a retirar-se para locais isolados, o ritual é interrompido e a sua legitimidade cerceada. Os acordos negociados em segredo são trazidos para a luz do dia, ficando expostos ao olhar da opinião pública. A mentira de que a globalização significa democracia fica patente; e a máscara de benevolência é arrancada.

A organização em nível local é simplesmente incapaz de fazer isso de modo tão eficaz quanto as grandes manifestações. A organização em nível local é vital; ela realmente acarreta outras coisas: os contatos, a educação, a construção do movimento, a criação de alternativas viáveis, o alívio de alguns dos efeitos imediatos da política global. Não podemos e nem queremos abandonar o nível local e, de fato, nunca o abandonamos, muitos de nós trabalham em ambos os níveis. Ninguém consegue ir a todos os encontros, todos temos de enraizar nosso trabalho no seio da comunidade. Porém, muitos de nós participamos das grandes ações globais porque compreendemos que os acordos de comércio e as instituições que contestamos são concebidos para destruir todo o nosso trabalho em nível local e para desrespeitar as decisões e aspirações de nossas comunidades locais.

Podemos adotar o reforço das redes locais e apoio ao trabalho de organização em nível local como um dos objetivos assumidos de cada ação em larga escala. Com a exceção de Washington, Bruxelas ou Genebra, que não têm alternativa, nenhuma cidade irá abrigar um desses encontros duas vezes. Agora mesmo sabemos que Washington está estudando a possibilidade de deslocar ou de limitar o próximo encontro do FMI e Banco Mundial. Mas se encontrarmos maneiras de organizar ações de massa que deixem atrás de si recursos e alianças em funcionamento, então, cada grande ação pode fortalecer e apoiar o trabalho em nível local, que continua no dia a dia.

Os encontros não permanecerão sendo esses alvos apetitosos que têm sido nos últimos tempos. Ao longo dos últimos dois anos, enfrentamos uma série de encontros que tinham sido programados e organizados antes de Seattle. Agora que estão situando os encontros em lugares remotos, precisamos de uma estratégia que nos permita continuar a acumular forças.

Por exemplo, alguns de nós sugeriram ações de larga escala, regionais e interligadas, que tomassem como alvo bolsas e instituições financeiras quando do ultimo encontro da OMC em Novembro, no Qatar. A mensagem que estamos enviando, é a seguinte: "Se deslocarem os encontros para fora do nosso alcance, e se continuarem as políticas de consolidação de poder e de concentração de riqueza, então as perturbações sociais irão disseminar-se para além dessas instituições específicas, de forma a por em causa toda a estrutura do próprio sistema capitalista global." Marchas, cursos livres, contra-encontros, programas de alternativas concretas, por si só, não poderão apresentar esse nível de ameaça à estrutura do poder; mas se combinados com a ação direta, na escala em que nós já praticamos hoje, poderão.

Claro que, quanto mais sucesso tivermos, mais maus eles se tornarão. Mesmo quando usam a força contra nós, continuamos a ganhar, embora a vitória tenha custos mais elevados. Os sistemas de poder se mantêm pelo medo da força comandada por eles, mas o seu uso tem custos. Não podem se sustentar se tiverem que usar a força a cada vez que desempenham toda e qualquer função normal.

Gênova foi uma vitória conseguida a um preço terrível. Eu espero nunca mais passar por outra noite como a que passei quando do assalto ao CMI e à escola Diaz, quando sabia das atrocidades que estavam sendo cometidas do outro lado da rua e não tinha meio de impedi-las. Estou cheia de tristeza, de raiva, por esse preço. Faria quase tudo para garantir que jamais ninguém, especialmente jovens, sofressem de novo essa brutalidade. Quase tudo. Tudo, exceto retirar-me do combate. Porque tal nível de violência e brutalidade é infligido diariamente, no mundo inteiro. São os quatro estudantes da Nova Guiné abatidos a tiro, o fechamento de uma escola no Senegal, as condições de trabalho numa maquiladora do lado mexicano da fronteira, o desflorestamento completo no Oregon, o preço da água, após a privatização, em Cochabamba. É a violência contra os corpos dos jovens, especialmente os de cor, nas prisões em todo os EUA, a brutalidade dos assassinatos em curso na Colômbia, na Palestina, na Venezuela. E é o total desrespeito pela integridade dos ecossistemas que nos sustentam a todos.

Não acho que a escolha seja entre o perigo de uma ação em larga escala e a segurança. Não vejo mais nenhum lugar onde haja segurança. Ou melhor, vejo que a longo prazo o que pode nos garantir melhor segurança é atuar com força. A escolha coloca-se em como e quando vamos contestar os poderes que estão tentando fechar todo o espaço político para a verdadeira dissidência.

Gênova deixou claro que eles vão lutar sem piedade para defender a consolidação do seu poder, mas ainda dispomos de um espaço amplo para nos organizar e preparar ações em grande escala. Precisamos defender esse espaço, usando-o, preenchendo-o e alargando-o. Ou continuamos a lutar contra eles juntos, agora, quando podemos organizar grandes ações eficazes, ou lutamos em grupos pequenos, isolados, ou sozinhos quando vierem arrombar as portas de nossas casas no meio da noite.

Ou combatemos enquanto ainda existem florestas vivas, rios correntes e capacidade regenerativa de sistemas de suporte à vida no planeta, ou lutamos quando a destruição for ainda mais profunda e a esperança de cura mais remota. Temos muitas escolhas sobre o modo concreto de conduzir o combate. Podemos ser mais estratégicos, mais criativos, mais habilidosos naquilo que fazemos. Podemos aprender a preparar melhor as pessoas para aquilo que possam vir a enfrentar, a melhorar o nosso apoio às pessoas após as ações. Temos questões profundas a considerar sobre a questão da violência e da não-violência, sobre nossas táticas e nossa visão de longo prazo, questões sobre as quais eu espero escrever no futuro.

Mas essas escolhas apenas permanecem em aberto se mantemos abertos os espaços para realizá-las. Precisamos crescer, não encolher. Precisamos explorar e exigir um novo terreno político. Precisamos que as próximas ações sejam ainda maiores, mais rebeldes, mais criativamente radicais e inspiradoras. Precisamos continuar nas ruas.

HOMOFÓBICOS CUIDADO!

CLARK KENT AMA DICK TRACY QUE AMA PETER PARKER QUE AMA DICK GRAYSON QUE AMA BRUCE WAYNE

SELINA KYLE AMA BARBARA GORDON QUE AMA DIANA PRINCE QUE AMA JEAN GREY QUE AMA LOIS LANE

J14-J16 (14 A 16 DE JUNHO DE 2001)
GOTEMBURGO, SUÉCIA
Protestos contra a reunião dos líderes da União Européia e o governo George Bush que fazia sua primeira tour pela Europa. Os protestos reúnem 30 mil pessoas e terminam com 700 presos, dezenas de feridos e três pessoas baleadas.
http://www.gbg2001.org/
http://sweden.indymedia.org

J1-J3 (1 A 3 DE JULHO DE 2001)
SALZBURGO, ÁUSTRIA
Além do encontro anual que acontece em Davos, o Fórum Econômico Mundial faz reuniões locais. Nessa, em Salzburgo, mais de 4 mil pessoas saíram às ruas em protesto.
http://www.antiwef.org
http://www.austria.indymedia.org

J15-J22 (15 A 22 DE JULHO DE 2001)
GÊNOVA, ITÁLIA
Protestos contra o encontro do G-8 terminam com fortíssima repressão policial e a com a morte do ativista Carlo Giuliani. Mais de 200 mil pessoas saem às ruas, na maior manifestação desde Seattle. Em São Paulo, duas manifestações simultâneas bloqueiam os dois sentidos da Avenida Paulista e levam 4 mil pessoas às ruas. CUT, MST e partidos de esquerda fazem passeata; estudantes, ecologistas e anarquistas fazem bicicletada e futebol de rua.
http://www.ecn.org/g8/
http://www.italy.indymedia.org

S29-S30 (29 E 30 DE SETEMBRO DE 2001)
WASHINGTON, ESTADOS UNIDOS
O encontro do BM e FMI é cancelado graças ao atentado do dia 11 de setembro. Mesmo assim, milhares de pessoas vão às ruas protestar contra o capitalismo e a guerra que está preste a começar. Em São Paulo, 1200 pessoas fazem um teatro de rua coletivo simulando uma guerra e bloqueando a Avenida Paulista por 2 horas.
http://www.abolishthebank.org
http://www.dc.indymedia.org

N9 (9 DE NOVEMBRO DE 2001)
DOHA, QATAR
A OMC promove o seu encontro nas remotas terras do Qatar. Mesmo à distância, pessoas no mundo inteiro vão às ruas mostrar o seu repúdio a essa organização. Em São Paulo, 800 pessoas saem às ruas para um "citytour" para conhecer "o" capital. No Rio de Janeiro, ativistas fazem teatro de rua no centro.
http://www.nowto.org
http://www.indymedia.org

Contra o cercamento ao Black Bloc

Macacões Brancos protestam contra a cisão no movimento

Gênova marcou a condenação definitiva do Black Bloc ou Bloco Negro frente à opinião pública. Infiltrados por agentes provocadores e mais de 600 neonazistas (segundo dados da própria polícia italiana), o Black Bloc foi acusado por boa parte da imprensa de ser o responsável pelo desencadeamento da violência em Gênova.

O Bloco Negro é uma forma de organização que nasceu no movimento autonomista alemão, nos anos 80. Era um bloco de ativistas vestidos de preto, ligados ao movimento ecologista radical e às ocupações de jovens que oferecia segurança nas manifestações contra a violência policial. Eles faziam cordões de isolamento e libertavam pessoas presas pela polícia. Depois, nos Estados Unidos, algumas dessas táticas foram adotadas por grupos anarquistas, no início dos anos 90. Esses grupos adicionaram a essas táticas, a estratégia de destruição de propriedade de grandes empresas como forma de prejuízo e manifestação simbólica de desprezo à propriedade privada.

Essas táticas foram acusadas, desde Seattle, quando ganharam notoriedade, de serem prejudiciais ao movimento e instigadoras da violência policial. Houve inúmeras tentativas de cindir o movimentoentre os "bons" e os "maus" manifestantes. No texto que se segue, os Macacões Brancos, grupo autonomista italiano, defendem o Black Bloc desses ataques após terem sido acusados de incitar a violência nos protestos de Gotemburgo contra a reunião da União Européia.

"O Black Bloc não é nenhuma besteira. Não deveria ser associado de forma tão gratuita ao vandalismo e à devastação irracional. O Black Bloc é uma rede informal de grupos de afinidade, coletivos e indivíduos, na sua grande maioria (mas não totalidade) anarquistas e se estende por toda a América do Norte e pela Europa continental. O Black Bloc está ativo há anos, elaborando estratégias e táticas e é capaz de adaptá-las em relação aos contextos, alianças e objetivos. Deveria estar bem claro para todos que, até o momento [junho] o Black Bloc não se manifestou na Itália. A recente história do movimento prova que o Black Bloc não é estático e pode adotar diversas táticas e procurar interligações férteis como fizeram em Québec durante as mobilizações anti-ALCA. Naqueles dias, atuaram com total respeito para os cidadãos e para a cidade e concentraram seus esforços em derrubar o 'muro da vergonha'. Eles até optaram por símbolos e práticas dos Macacões Brancos (escudos, linha de posicionamento, capacetes, etc.) e cooperaram com outros grupos de afinidade nas ruas.

Em Gotemburgo, o Black Bloc conversou com os Macacões Brancos e os dois decidiram fazer uma ação conjunta incluindo os manifestantes mais pacíficos. Os problemas começaram quando a imensa maioria dos porta-vozes e dos coordenadores foram presos 'preventivamente' durante os cercos na noite de quinta-feira. Na manhã seguinte, os policiais cortaram a manifestação ao meio, isolando uma de suas metades e rotulando-a de 'Black Bloc'. Esses manifestantes só podiam se defender da polícia atirando pedras e algumas vitrines foram quebradas[...] o cume da violência policial aconteceu durante um momento aparentemente pacífico: na noite de sexta-feira, quando os policiais cercaram um parque onde centenas de jovens haviam organizado uma festa rave. Eles atacaram os jovens que tentaram resistir e, nesse momento, a polícia começou a atirar. Certamente, a rave não foi organizada pelo Black Bloc.

Os membros do Black Bloc são ativistas políticos, podemos discordar de sua práxis e teoria, mas não podemos chamá-los de pitbulls sem cérebro procurando destruir tudo e todos. Na verdade, eles são mais tranqüilos do que muitos pensam: uns poucos meses atrás, o Black Bloc se dividiu numa manifestação em Buffalo, entrou numa vizinhança pobre e começou a recolher o lixo. Quando os jornalistas perguntaram o que eles estavam fazendo, responderam: 'Vocês disseram que íamos sujar a cidade com a nossa revolta descontrolada, então decidimos que em vez de fazer isso iríamos recolher o lixo!'

Estamos testemunhando uma séria tentativa de criminalização desta parte do movimento. Recusamos a nos salvar em detrimento do Black Bloc... nós os reconhecemos como uma legítima parte do movimento e nos recusamos a distinguí-los entre 'bons manifestantes' e 'maus manifestantes'."

Macacões Brancos de Bolonha
Coletivo Wu Ming

Atenção para o seu destino:

Na época da escravidão a gente era obrigado a trabalhar para comer e viver muito mal. Se hoje somos livres, por que continuamos obrigados a trabalhar em troca da mesma miséria?
Fazem a gente acreditar que estamos sozinhos, mas olhe ao seu redor: somos muitos. Somos muito mais do que os patrões.
A vida não é igual ao metrô: podemos decidir nosso destino.

Táticas para o próximo encontro do G8 nas montanhas canadenses

A polícia de choque em Québec

Instituto de Topologia Surreal

Como o primeiro-ministro do Canadá anunciou que o próximo encontro do G8 por motivos de segurança vai acontecer nas longínquas montanhas canadenses de Kananaskis, o Instituto de Topologia Surreal, responsável em Québec pelo Bloco Medieval (que ficou famoso pelo uso de uma catapulta que atirava ursinhos de pelúcia) e pela Liga dos Pilotos Radicais de Aviões de Brinquedo anuncia novas estratégias.

Nossos especialistas visitaram a região e fizeram levantamentos científicos. O que segue é um relatório informal que poderá servir de ponto de partida para a primeira reunião dos grupos de afinidade para preparar a ação em Edmonton no dia 25 de Agosto.

Basicamente, o relatório indica que o terreno é ideal para a ação de anarco-hippies e é de difícil ação para policiais. Você consegue imaginar um monte de policiais da tropa de choque, todos armados com máscaras e coletes se embrenhando no meio da floresta? Não lembra o Vietnã? Não lembra também o Retorno de Jedi, quando os Ewoks deram um pau nas tropas de Darth Vader na floresta de Endor?

Plano de ação:

Começo de Maio: Treinamento de ação direta em Kananaskis para que os manifestantes sintam o ambiente. Podem acontecer oficinas de estratégias e novas formas de ação. As oficinas incluíriam temas intrigantes: "Como incorporar ursos pardos numa ação direta?"

1º de Junho: Kananaskis só tem uma estrada que liga ela ao "mundo exterior". É uma área imprópria para milhares de policiais tomarem-na de assalto. A região é própria para táticas "Robin Hood", tipo bloqueie e fuja. Vamos impedir que os equipamentos de segurança cheguem até o local.

7 de Junho: Vamos montar um acampamento na base da montanha de Kananaskis. Vamos fazer um festival da resistência com música alta, oficinas de ação direta, comida vegetariana e hippies pelados.

10 de Junho: Vamos fazer uma bicicletada até o local do encontro. É importante que os manifestantes levem montainbikes. Quando a estrada estiver bloqueada pelos policiais os anarquistas vão sair pelas laterais e subir pela montanha.

13 de Junho: Grupos de afinidades e malucos em geral avançam na zona vermelha e criam postos avançados de resistência. Traga sua câmera de vídeo para se proteger da violência policial. Imagine um grande esconde-esconde nas montanhas, jogado por um bando de anarquistas sem noção e policiais desorientados. Inspire-se nas táticas dos Ewoks. Anarco-hippies podem escalar as árvores: eles sabem subir em árvores, sabem usar cordas, adoram ir para as montanhas e gostam de comer cogumelos. Imagine a situação rídicula de vários policiais tentando tirar um hippie de cima de uma árvore.

22 de Junho: Funcionários começam a chegar para preparar o encontro. Manifestantes bloqueiam a estrada antes dos policiais. Bloqueios, fugas, esconderijos nas montanhas e táticas de dispersão e reagrupamento. Com muitas pessoas conseguiremos manter nossas posições.

25 de Junho: Os manifestantes que chegaram atrasados têm que se virar e arrumar uma caverna. Evite o acesso da estrada. Venha por trilhas. Ewoks vão tentar sabotar o gerador de energia. Divirta-se vendo o Black Bloc desorientado no meio da floresta procurando um banco ou um McDonald´s para quebrar.

26 de Junho: O encontro é cancelado. Vitória dos Ewoks.

N17 (17 DE NOVEMBRO DE 2001)
OTTAWA, CANADÁ
Depois que o encontro de Washington foi adiado em função dos atentados, FMI e Banco Mundial conseguem fazer seu encontro anual na cidade de Ottawa, no Canadá. Mais de 10 mil pessoas saem às ruas em protesto.
http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/free/ottawa/index
http://ontario.indymedia.org/

D14 (14 DE DEZEMBRO DE 2001)
BRUXELAS, BÉLGICA
Encontro da União Européia. Mais de 20 mil pessoas saem às ruas em protesto às políticas liberais e às restrições à imigração. Será que foi superado o impacto dos ataques de 11 de setembro?
http://www.d14.be
http://www.belgium.indymedia.org

J31-F4 (31 DE JANEIRO A 4 DE FEVEREIRO DE 2002)
NOVA IORQUE, ESTADOS UNIDOS/ PORTO ALEGRE, BRASIL
O encontro do Fórum Econômico Mundial foi transferido de Davos para Nova Iorque. Os empresários do FEM acreditam que a cidade de Nova Iorque ainda está impressionada com os atentados de 11 de setembro e que, dessa forma, não haverá protestos. Estão enganados. Em Porto Alegre, repete-se o Fórum Social Mundial.
http://www.abolishthebank.org
http://www.forumsocialmundial.org.br
http://www.nyc.indymedia.org
http://www.midiaindependente.org

F1-F3 (1 A 3 DE FEVEREIRO DE 2002)
MUNIQUE, ALEMANHA
Protestos previstos para a reunião da OTAN em Munique.
http://www.buko24.de/nato.htm
http://germany.indymedia.org

M7-M13 (7 A 13 DE MARÇO DE 2002)
FORTALEZA, BRASIL
O BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) vai fazer sua reunião anual em Fortaleza. Estarão presentes mais de 48 ministros de economia de diferentes países. Grupos radicais preparam protestos para os dias do encontro.
http://www.riseup.net/antibid
http://www.midiaindependente.org

Fabricantes revêem classificação de gás lacrimogêneo

Arma antes propagandeada como "não letal" passa a ser chamada de "menos letal"

Gás lacrimogêneo é um nome genérico dado a vários tipos de substâncias irritantes da pele, olhos e vias respiratórias. A forma mais comum de gás lacrimogêneo, o CS, foi desenvolvida nos anos 50, na Inglaterra, pelo laboratório CBW (no polêmico centro de pesquisas de armas químicas de Porton Down). Depois, nos anos 60, foi utilizado em larga escala pelos Estados Unidos durante a guerra do Vietnam. O uso crescente do gás lacrimogêneo como arma de "controle de multidões" deveu-se ao fato de, supostamente, ser capaz de dispersar multidões sem causar efeitos letais (mortes). Os primeiros estudos clínicos mostravam que o gás causava irritação e mal-estar e em concentração controlada era incapaz de deixar seqüelas ou causar óbitos. Por isso era chamado de arma "não letal".

Mas análises recentes têm mostrado um cenário diferente. Até hoje, muitos poucos estudos médicos independentes foram realizados e as fontes da maior parte dos dados clínicos disponíveis são justamente das empresas que fabricam a substância. Segundo estudo feito por uma equipe de especialistas e publicado no periódico da Associação Médica Americana em 1989, a inalação de gás lacrimogêneo (na sua forma mais difundida, CS) pode causar pneumonia química e edemas pulmonares fatais. Em situações analisadas de grande exposição ao gás, foram notadas também paradas cardíacas e há casos registrados de morte entre adultos. Segundo um dos autores do estudo, Dr. Howard Hu, epidemologista da Universidade de Harvard, "a extensão dos efeitos nocivos desses químicos é ainda desconhecida, pois não existem estudos rigorosos independentes sobre populações afetadas".

Essas evidências têm levado os fabricantes a chamar essas armas de "menos letais", ao invés de "não letais". Relatos de mortes relacionadas a gás lacrimogêneo têm aumentado nos últimos anos. Em 1996, 76 pessoas morreram, entre elas 25 crianças, depois que o FBI bombardeou com gás lacrimogêneo uma casa da seita dos davidianos em Waco, nos Estados Unidos. Dados da Anistia Internacional, de 1988, mostram que médicos em Israel citaram o gás lacrimogêneo como causa ou fator relevante na morte de mais de 40 palestinos nos territórios ocupados. E dados recentes de autoridades médicas palestinas estimam que do total de mortes em conflitos com forças israelenses, pelo menos 1,4% são causadas por gás lacrimogêneo.

Desde 1969, o uso de gás lacrimogêneo em guerras é condenado pelo Protocolo de Genebra, mas o uso "doméstico" não é recriminado. No debate ocorrido na Assembléia Geral da ONU, destacou-se a posição da Embaixadora da Suécia que enfatizou que embora o uso militar do gás fosse condenável o mesmo não podia ser dito de seu uso para o "controle de tumultos" – assim "como não se pode confundir o uso de pesticidas na guerra e seu uso na agricultura". O Brasil aderiu ao tratado em 1970.

Edema causado por exposição a gás lacrimogêneo

Manifestante durante o A20

Gás pimenta também pode matar

Difusão do uso está ligada a caso de corrupção envolvendo pesquisador do FBI

O uso do gás pimenta para "controlar" multidões e conter criminosos começou a difundir-se nos Estados Unidos nos anos 80, depois que o FBI respaldou e recomendou o uso desse tipo de arma como uma alternativa eficiente e não letal. Essa recomendação era baseada num estudo do agente Thomas Ward, diretor da divisão de treinamento em armas de fogo da cidade de Quantico (Virginia). Depois da publicação desse estudo, em 1989, o uso do gás pimenta difundiu-se tanto que ele é utilizado hoje por 90% das delegacias americanas e pela polícia de diversos países. Depois de denúncias, descobriu-se que o agente Ward havia recebido 57 mil dólares da empresa Luckey Police Products, fabricante do gás pimenta Cap-Stun. No julgamento, ocorrido em 1996, o agente alegou ser culpado e foi sentenciado a dois meses de prisão.

O gás pimenta, em geral, é utilizado na forma de sprays manuais e, teoricamente, causa apenas grande ardência e desconforto nos olhos fazendo com que a vítima fique à mercê da intervenção policial. No entanto, estudos independentes de entidades de direitos humanos mostram que o gás pimenta pode matar. Em geral, as mortes não são imediatamente relacionadas ao uso do gás, porque elas resultam de asfixia e problemas cardíacos que serão intensificados quando a vítima, depois de contaminada, for encarcerada em um lugar estreito e com pouca circulação de ar. Além disso, segundo recomendação dos próprios fabricantes, o gás pode ser fatal em pessoas com problemas respiratórios, problemas cardíacos e mulheres grávidas. No entanto, as unidades policiais que administram o gás não dispõem de equipamentos de descontaminação para tratar desses casos.

Segundo o Sindicato Americano pelas Liberdades Civis, desde 1993, pelo menos 37 pessoas morreram na Califórnia em decorrência do uso do gás pimenta. Segundo a Associação Internacional dos Delegados de Polícia, em um estudo de 1998, mais de 100 pessoas nos Estados Unidos morreram em custódia do estado após serem contaminadas pelo gás. A Anistia Internacional considera o uso do gás pimenta uma prática de tortura.

NOVAS TÁTICAS PARA UM NOVO MOVIMENTO...

TORTADA

Tática desenvolvida originalmente pelos anarco-comediantes Larry, Curly e Moe e aplicada com sucesso no combate à globalização capitalista e à opressão em geral. Em 2000, na cerimônia de despedia da direçãogeral do FMI, Michel Camdessus levou uma tortada histórica; em 2001, o diretor da Microsoft, Bill Gates, levou três tortadas na seqüência, na porta de um hotel. No Brasil, o ex-ministro da economia do regime militar, Delfim Neto foi alvo de uma tortada durante uma palestra na USP em 2000 e o capitão de polícia Francisco Roher, comandante da repressão a manifestantes anti-ALCA, também recebeu a sua, ano passado, quando tentava defender sua tese de mestrado sobre polícia "comunitária".

ANTI-PROPAGANDA

Ninguém sabe direito quem começou, mas em vários lugares do mundo diversos grupos desenvolvem técnicas de "anti-propaganda". São desde intervenções em outdoors até propagandas subliminares em lugares inusitados para combater e subverter nossa cultura de consumo induzido pelo marketing. A revista canadense "AdBusters" desenvolve um trabalho há anos nesse sentido. No Brasil, há grupos que fazem intervenções periódicas em outdoors (Belo Horizonte) e subvertem mensagens no metrô (São Paulo).

BICICLETADA

No início dos anos 90 as bicicletadas surgiram na cidade de São Francisco com o intuito de combater a cultura do automóvel. O automóvel é visto por grupos ecologistas e anti-capitalistas como a encarnação do capitalismo. Símbolo do sucesso material, o carro é individualista, barulhento, fedorento e absolutamente irracional. Em diversas cidades, na última sexta-feira de todo o mês, ciclistas indignados com a cultura do automóvel saem às ruas no horário do rush e infernizam o tráfico com o slogan "Não estamos parando o trânsito: nós somos o trânsito!" No Brasil não há ainda nenhuma bicicletada periódica, mas já foram feitos eventos em Santos e Blumenal. Em São Paulo, em julho de 2000, uma bicicleta combinada com uma partida de futebol de rua bloqueou a Avenida Paulista em protesto contra o encontro do G8 que ocorria em Gênova.

FESTAS DE RUA ANTI-CAPITALISTAS

Essa modalidade de ação foi desenvolvida na Inglaterra pelo grupo "Reclaim the Streets" a partir de experiências no movimento contra a construção de estradas e na cena rave. A idéia original era protestar contra a cultura automobilística com o povo retomando e ocupando as ruas que sempre foram suas de direito. Depois, a estratégia difundiu-se e em várias partes do mundo acontecem protestos periódicos contra o capitalismo com bloqueios de ruas e avenidas para a realização de festas...

OCUPAÇÕES E BLOQUEIOS

Tudo bem, ocupações e bloqueios não são assim tão novos, mas são legais também...

Como se defender das armas químicas

O que você precisa saber para se proteger de ataques químicos

Antes de participar de uma ação, o ativista deve saber que pessoas com asma, com problemas respiratórios ou infecciosos, mulheres grávidas, mulheres que pretendem engravidar, qualquer pessoa doente ou com o sistema imunológico baixo, pessoas com infecção nos olhos, usuários de lentes de contato e crianças, não devem se expor ao risco de contaminação por agentes químicos (gás lacrimogêneo e gás pimenta). Para essas pessoas os agentes químicos podem ser fatais.

Para se proteger do gás pimenta, o método mais efetivo e mais barato é utilizar óculos de natação e bandanas. O gás pimenta atua junto às mucosas dos olhos e da boca, causando irritação e ardência. Um simples bloqueio do gás, impedindo que ele entre em contato com essas partes do corpo costuma ser eficiente. Use óculos de natação justos que não deixem frestas. As bandanas devem ser usadas cobrindo a boca. Lembre-se que se o gás entrar dentro dos óculos, o efeito pode ser aumentado porque o gás ficará preso.

Para se proteger do gás lacrimogêneo, a melhor alternativa são as máscaras de gás. Ao contrário do gás pimenta, normalmente utilizado na forma de spray, o gás lacrimogêneo é utilizado na forma de bombas que são arremessadas e depois soltam o gás. Em contato com o sistema respiratório, o gás provoca ardência e náusea. Máscaras de gás são encontradas em lojas de materiais de construção e devem vir acompanhadas de filtro para gases orgânicos. A máscara deve ser regulada justa para que os químicos não entrem. Se a máscara for uma opção cara (custa em média R$ 17,00), uma alternativa razoável é o uso de bandanas ou lenços embebidos em vinagre. Use-o junto à boca e nariz e respire através dele. O vinagre não anula o gás lacrimogêneo, mas minimiza seus efeitos. Em qualquer caso, não use cremes, maquiagem ou qualquer tipo de químico no corpo. Alguns desses produtos reagem com o gás lacrimogêneo e o prendem à pele. Lentes de contato também absorvem os químicos.

Além disso, o ativista deve usar roupas que cubram a maior parte do corpo e impeçam que o gás entre em contato com a pele. O gás, em contato com a pele, principalmente se estiver molhada, pode causar queimaduras. A exposição ao gás lacrimogêneo contamina a roupa da vítima. Se você foi exposto a grande quantidade desse gás, você deve, assim que possível, trocar sua roupa por uma muda nova (durante as ações, sempre leve uma muda nova na mochila). Se você não tiver uma muda à mão, saia da área contaminada pelo gás e caminhe por alguns minutos com os braços abertos para que o ar puro o descontamine. Lembre-se que a roupa contaminada deve ser descartada (uma muda de roupa no quarto pode contaminar todo o ambiente). Uma opção para isso são os macacões brancos, que além do significado político (representam a desobediência civil não violenta) protegem a roupa dos gases. Os macacões (vendidos para proteger a roupa de pintores de parede) se encontram também em lojas de material de construção.

COM DESTINO ÀS REUNIÕES A SEREM ARRUINADAS DO BID E CII EM FORTALEZA (CE) DIA 7 AO 13 DE MARÇO 2002 PARA MAIS INFORMAÇÕES ACESSE O SITE WWW.RISEUP.NET/ANTIBID

Óculos de natação: 5 reais
Máscara de gás: 17 reais
Macacão branco: 10 reais

Destruir o capitalismo: não tem preço!

Publicação do Centro de Mídia Independente.
www.midiaindependente.org

O Centro de Mídia Independente é uma rede internacional de produtores independentes de mídia preocupados e comprometidos com a construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente. Ele foi criado originalmente em Seattle como uma forma alternativa de cobrir os eventos que levaram ao malogro do "Encontro do Milênio" da OMC (Organização Mundial do Comércio) em Novembro de 1999. A idéia era de ter um site na internet que recebesse e armazenasse, vídeos, imagens, sons e textos que poderiam ser publicados e reproduzidos sem copyright por qualquer pessoa ou qualquer órgão de mídia independente sem fins comerciais. O que era um site de jornalistas independentes tornou-se também um site em que os próprios manifestantes se faziam ouvir. Eles começaram a publicar suas histórias e disponibilizar as imagens de vídeo, os sons e entrevistas que eles mesmos tinham produzido. À medida que os protestos antiglobalização foram se espalhando, Centros de Mídia Independente foram sendo criados em toda a parte onde os "novos movimentos" eclodiam. Atualmente existem mais de cinqüenta Centros de Mídia Independente em mais de vinte países. O Centro de Mídia Independente do Brasil nasceu como desdobramento da organização do movimento antiglobalização em São Paulo que havia promovido um protesto no dia 26 de Setembro de 2000 (S26) quando se reuniram em Praga, o FMI e o Banco Mundial. Em janeiro de 2001, o site do Centro de Mídia Independente do Brasil foi ao ar e, desde então, tem se esforçado para "cobrir" eventos ligados à luta social. O Centro de Mídia Independente é um projeto sem fins comerciais totalmente feito por voluntários.

Contato: contato@midiaindependente.org
Seja voluntário: voluntarios@midiaindependente.org